

POEMA

José Bento

**Nas nossas ruas ao anoitecer
Há tal soturnidade, há tal melancolia,**
Cesário Verde, "O Sentimento dum Ocidental"

**Das ruas ao cair da noite, ó Cesário Verde, ó Mestre
Ó do "Sentimento de um Ocidental"**
Fernando Pessoa, "Dois excertos de Odes"
de Álvaro de Campos

Onde a cidade aos bortotões perde o seu nome
e o crepúsculo recupera a amplitude das suas pulsações
— entre tímidos arbustos, cômoros de sucata,
pátios onde crianças armam alacres campos de batalha —,
foi abatida uma casa:

abriu-se uma ferida
que ninguém sabe quanto irá doer
ao avaro colecionador de imagens memoradas
que em afanosas buscas defende o seu frágil património.

Aí se desvanecem azinhagas para infligir avenidas,
paredes são usurpadas até aos alicerces
pela avidez de edifícios formulados pela regra do juro,
pedras afeiçoadas por mãos e por olhares
jazem e calam as suas inscrições
de adolescências e abandonos, desvairos e agonias.

Assim a noite atenua o seu domínio:
golpeado por lâmpadas, o anoitecer dilui-se
e o que infunde já não é melancolia
mas a repetição do mesmo porto saturado
para o navegante que regressa em ti.
(Ó Cesário Verde, ó Mestre,
ó do "Sentimento de um Ocidental".)



Uma diferente solidão insidia nessa hora
para extravasar o vivido até então:
não estar sozinho mas indigente ante muitos
que apenas testemunham a rendição de um corpo.

E cerrada as portas, escorraçado o frio
que segrega seu musgo entre o sangue e a voz,
impossível encontrares-te só: ao redor, os objectos
cobram sua presença, agrupam-se e conspiram
para o teu extermínio.
E a madrugada denuncia-se
não sobre membros alados pelo sono
mas em copos turbados por lábios que já mal recordas,
manchando retratos ou jornais
em que rostos e palavras são pistas de uma fuga.

Suspense como um quadro, um alaúde
comprado só para ficar ali.

Onde estarão
os dedos, o ardor com que cantava?
As janelas acusam uma arquitectura sem olhos nem passado.

Tentas debilmente resistir aos dejectos que te arrastam
nos fins de semana em que te aprisionas:
visitando o mar como um amigo de infância
que não te fala de teus males, que em vão escondes;
acumulando coisas que ignoras se precisarás;
ruminando flatulentos semanários
onde políticos disputam o lugar
à nova hierarquia de ofuscantes ofícios
que lançam o produto das substituições,
onde horóscopos completam a página de cotações da bolsa
e se analisa a estalogia dos índices
que relacionam a crise da construção de novos fogos
com o aumento do consumo dos contraceptivos.